

Memória: Uma colocação questionada

Alberto de Souza Rocha

Destriçar assuntos pertinentes à Doutrina é de aplaudir-se. Discuti-los com rigor e propriedade, com o propósito de trazer mais luz ao entendimento, é ideal. Colocá-los em foco para melhores análises e observações, muito certo. Não falamos de se radicalizarem posições, o que é diferente. Vários estudiosos desenvolveram reflexões a partir de Kardec e embora na Doutrina não haja os donos absolutos da verdade, ela é simpática ao progresso e pesquisadores idôneos devem ser bem vistos.

Há atualmente uma questão que diremos aberta, em que argumentos existem ponderáveis uns a favor e outros contra certas afirmações. É a questão da memória. Pertenceria ela ao Espírito ou ao perispírito? Onde tem sede? Afirmam alguns confrades que a memória pertence ao Espírito, e não abrem mão da tese. Com isso nós concordamos. E dizem que o Espírito é que é inteligente, que quer, que sabe, que aprende. Guarda seu inalienável patrimônio de experiências. O perispírito é instrumento, simples instrumento, e disso não há dúvida. Mas acontece que não fechamos aí a questão. Vamos adiante. Nada impede investiguemos que funções auxiliares serão essas que o Espírito sabidamente delega ao perispírito. Este que não sabe, que não é imortal, que não quer, mas que é necessário ao Espírito, tanto que existe exatamente para cobrir-lhe necessidades em sua economia. Assim o vemos como mapa organo-genético ou como modelo organizador, em cada encarnação, sob o estrito controle do campo mental, que a tudo preside. A partir, então, do primeiro instante da concepção determinantes da Lei ditam-lhe todas as condições que se refletirão na nova forma estrutural psico-moral-biológica que formará a nova personalidade, respeitadas a programação de vida, as conquistas evolutivas e as provações e experiências que irá enfrentar o reencarnante. Se as faculdades são do Espírito, é claro, em alguma estrutura aquelas condições estarão gravadas para essa modelagem. E, a princípio, nenhuma estrutura se adequaria tanto para esse mister que o perispírito ou psicossoma, salvo melhor juízo.

As questões 93 a 95 do "O L. dos Espíritos", definitivas e essenciais, não liquidam por si mesmas as posições, as possibilidades de estudo das várias funções do perispírito, impedindo o avanço do estudo. Ali mesmo o assunto volta à baila estudando-se mais amplamente o problema da união da alma e do corpo; o das sensações dos Espíritos, onde aparece o perispírito como agente das sensações exteriores, ainda que se negue, isto sim, vida inteligente. Agente que é - está em Kardec, em "O L. dos Espíritos", de alguma forma por que não as registraria, qual como o disco baldo de inteligência registra sons e os transmite? Ainda importante o Capítulo sobre a emancipação da alma como um todo. Isso para sermos breves e ficarmos somente no livro-chave. Para mais amplas pesquisas o melhor é a obra do Prof. José Jorge - "Antologia do Perispírito".

Pedem-nos sempre para reler Kardec. Um bom conselho, aliás. E, por falar nisto, é Kardec e são os Espíritos que nos esclarecem dessa sua função de agente, exatamente agente de sensações. Colamos deles a idéia e é natural que essas sensações se guardem e se expressem por mecanismos

de fixação, de recordação, de memorização, aliás, para casar-se com as reminiscências - por excelência sensações - em muitos casos, como no "dejá-vu". Já desenvolvemos amplamente esse tema e outros conexos, inclusive sobre o problema do esquecimento, em vários capítulos do livro "Espiritismo e Psiquismo" (Edições Correio Fraternal do ABC) e de outro, "Reencarnação em Foco" (Edições "O Clarim" - pelo menos uns onze capítulos sobre o assunto - e ainda aguardamos que possa sair "Além da Matéria Densa" - um estudo sobre as funções do perispírito - onde não dizemos nada que não esteja em Kardec, Denis, Delanne, Rochas, André Luiz e outros autores, portanto não traremos novidades. Mas vamos a um questionamento curioso, o de que, em se reencarnando em outro orbe, ali recolhendo novos fluidos apropriados para a nova estrutura perispiritual, perderia o Espírito consequentemente o seu arquivo memorial por completo desde que esse pertencesse ao perispírito. Um disco de gravação quebrado que vai para o lixo. Sutileza de uma simplicidade que não se compraz com os exemplos mais mezinhas da vida de um executivo que, ao mudar de pasta, tem que botar fora os documentos que ela guardava sem direito de transferência. Pelo menos do essencial. O Espírito é dono da memória e a coloca à sua disposição onde lhe fica mais conveniente, funcional. Dela não se exonera porque ela esteja arrumada na estante de sua "biblioteca". E que ele, sendo dono, é que a usa. Simples, não?

Já que nos aconselhamos a rever Kardec vamos às questões 367 e outras de "O L. dos Espíritos" de uma forma abreviada: Os Espíritos não têm presentes todos os atos de suas vidas de que não se interessam em lembrar-se; quanto mais envolvidos menos importância terão para eles certos atos materiais. As lembranças do que seria a infância do Espírito desaparecem na noite do esquecimento. Logo, as aquisições superiores são uma outra conversa... Daí inferimos que as lembranças, alçando-se a mundos superiores, serão sucintas e diluídas, sem detrimento do nível evolutivo e até mesmo em função dele. Longe, muito longe, dessa forma, pensar-se em que, em termos de aquisição de valores, haveria de recomeçar do zero...A aprendizagem não se perde, devidamente filtrada constituirá a consciência, tanto e ainda mais rica. Uma cousa não tem nada a ver com outra, há entendimentos apressados confundindo raciocínios. Espíritos altamente iluminados não sofrerão qualquer impacto por terem sido antes simples e ignorantes; as vãs ocorrências remotas constituem aprendizado mas não os embaraçam. E os seus perispíritos serão sucessivamente tão sutis que se dirá que é quase como senão existissem.

Não iremos tocar em aspectos apaixonantes como o da chamada "memória celular" (a célula funciona como se soubesse o que deve fazer) para não complicar. Só dizer de uma função estruturadora que Não é exatamente do Espírito, claro.

De nossa parte respeitaremos sempre os que não pensam assim.

Foi o que entendi, e aí está, enquanto não me falha a memória.

Revista Internacional de Espiritismo - Dezembro de 1994

Considerações sobre a prece e o modo de orar segundo o Espiritismo

João Matos - Florianópolis, SC

Iniciamos estas ponderações pelo preâmbulo do Capítulo XXVIII do Evangelho Segundo o Espiritismo que trata da coletânea de Preces.

Assim se expressa o Codificador: "Os Espíritos não dito sempre: - A forma nada vale, o pensamento é tudo. Ore, pois, cada um segundo suas convicções e da maneira que mais o toque. Um bom pensamento vale mais do que grande número de palavras, com as quais nada tenha o coração."

Nenhuma fórmula absoluta de preces os Espíritos jamais prescreveram. (parece-nos claro que somente nesta frase já está contido todo o pensamento do Mestre e dos Espíritos, mas vamos continuar pois as palavras não são nossas).

"Quando dão alguma (referindo-se às fórmulas), é apenas para fixar as idéias e, sobretudo, para chamar a atenção sobre certos princípios da Doutrina Espírita. Fazem-no também com o fim de auxiliar os que sentem embaraço para externar suas idéias", (sic) - (Entenda-se aqui, aqueles que, de algum modo, não tenham condições de formular os seus próprios pensamentos e precisem de um símbolo para fixar a idéia, como veremos em continuação).

Em seguida esclarece: "Crer que Deus se atenha a uma fórmula é emprestar-lhe a pequenez e as paixões da humanidade". (sic). E prossegue: "Cada palavra deve ter alcance próprio, despertar uma idéia, pôr em vibração uma fibra da alma. Numa palavra: DEVE FAZER REFLETIR. Somente sob essa condição pode a prece alcançar o seu objetivo; de outro modo, NÃO PASSA DE RUIDO." (os destaques são do próprio Codificador).

Com referência às preces decoradas, repetidas maquinalmente, diz ele: "Vêem-se lábios a mover-se; mas, pela expressão da fisionomia, pelo som mesmo da voz (recitação, como alguns fazem), verifica-se que ali apenas há um ato maquinal puramente exterior, ao qual se conserva indiferente a alma". (sic)

Sobre a Oração Dominical, comumente chamado "PAI NOSSO", esclarece o Mestre: - "Os Espíritos recomendaram que encabeçando esta coletânea (refere-se a coletânea de preces no final do Evangelho Segundo o Espiritismo), pusessemos a Oração dominical, MAS SOMENTE COMO SÍMBOLO". (o destaque é nosso). E continua: "daí vem o dizerem-na, geralmente, sem que os pensamentos se detenham sobre as aplicações de cada uma de suas partes. Dizem-na como uma fórmula cuja eficácia se ache condicionada ao número de vezes que seja repetida".

No livro de Léon Denis, CRISTIANISMO E ESPIRITISMO, colhemos alguns esclarecimentos que servirão de base às nossas reflexões. "Segundo A. Sabatier, decano da Faculdade de teologia Protestante de Paris, os manuscritos originais dos Evangelhos desapareceram, sem deixar nenhum vestígio certo na história. Foram provavelmente destruídos por ocasião da proscrição geral dos livros cristão, ordenada pelo imperador. Deocleciano (edito imperial de 303). Os escritos sagrados que escaparam à destruição não são, por conseguinte, senão cópias".

Ainda no mesmo livro, na Nota Suplementar Nº 3 - Sobre a autenticidade dos Evangelhos esclarece: "Um atento exame dos textos demonstra que, em meio das discussões e das perturbações que agitaram, nos primeiros séculos, o mundo cristão, não se hesitou, para aduzir argumentos, em desvirtuar os fatos, em falsear o verdadeiro sentido do Evangelho. Celso, desde o século II, no DISCURSO VERDADEIRO, LANÇAVA AOS CRISTÃOS A ACUSAÇÃO DE RETOCAREM CONSTANTEMENTE OS EVANGELHOS E ELIMINAREM NO DIA SEGUINTE O QUE HAVIA SIDO INSERIDO NA VÉSPERA." (sic) - (o destaque é nosso).

Nas versões grega e latina a oração Dominical não se encontra como a conhecemos, e sim como Kardec colocou (como modelo), na coletânea de preces: "PAI NOSSO, QUE ESTÁS NO CÉU, SANTIFICADO SEJA O TEU NOME!

VENHA O TEU REINO! FAÇA-SE A TUA VONTADE, ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU. DÁ-NOS O PÃO DE CADA DIA, PERDOA AS NOSSAS DÍVIDAS COMO PERDOAMOS AOS QUE NOS DEVEM. - PERDOA AS NOSSAS OFENSAS, COMO PERDOAMOS AOS QUE NOS OFENDERAM. NÃO NOS DEIXEIS ENTREGUES À TENTACÃO, MAS LIVRAI-NOS DO MAL".

Nos textos gregos, está última frase encontra-se assim: "NÃO NOS INDUZAS À TENTACÃO". Allan Kardec faz um comentário dessa citação em nota de rodapé no Evangelho Segundo o Espiritismo quando comenta esse modelo de prece. O Dr. Lázaro Luiz Zamenhof, ao fazer a versão para a língua Esperanto colocou nos mesmos termos do original grego como se lê: "Kaj ne konduku nin en tenton". (sic). Igualmente há que se notar não haver nos textos primitivos as palavras "amém" nem "assim seja" as quais foram introduzidas posteriormente.

Há nos Evangelhos duas versões do "PAI NOSSO"; - aquela segundo Mateus no Capítulo 6 versículos 9 a 13 que é tradicional, e a de Lucas que diz ter Jesus se expressado assim: "Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o vosso nome; venha o vosso reino; Dai-nos hoje o pão necessário aos nosso sustento; perdoai-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos àqueles que nos ofenderam; e não nos deixeis cair em tentação." Os estudiosos do assunto (os exegetas), dizem: "segundo averiguações parece ter sido dessa forma abreviada que Jesus tenha se expressado e não no decurso do sermão da montanha, como narrado por Mateus". (sic).

Para encerrar este nosso comentário sobre a prece vamos citar mais uma vez o Codificador do Espiritismo, cujo conteúdo encontra-se no final de seu livro, "VIAGEM ESPÍRITA EM 1862" (Edições "O Clarim"), sobre ser útil começar as reuniões espíritas através de uma prece, diz ele: "É, sem dúvida, não apenas útil, porém necessário rogar, através de uma invocação especial, por uma espécie de prece, o concurso dos bons Espíritos. Essa prática predispõe ao recolhimento, condição especial a toda a reunião séria." Acrescentando: "Mas é preciso não esquecer que o Espiritismo se dirige a todos os cultos. Por conseguinte ele não deve adotar as formalidades de nenhum em particular." (sic)

"O Espiritismo é um terreno neutro sobre o qual todas as opiniões religiosas se podem encontrar e dar-se as mãos."

"O emprego dos aparatos exteriores do culto teria idêntico resultado: uma cisão entre os adeptos."

Acrescenta ainda: "PARA EVITAR ESSE INCONVENIENTE TÃO GRAVE, ACONSELHAMOS A ABSTENÇÃO DE QUALQUER PRECE LITÚRGICA, SEM EXCEÇÃO MESMO DA ORAÇÃO DOMINICAL POR MAIS BELA QUE SEJA."

Prossegue o Codificador: "Dito tudo isso, creio supérfluo salientar o QUANTO HAVERIA DE RIDÍCULO em fazer-se toda uma assistência repetir em coro uma prece ou fórmula qualquer como alguém me afirmou já ter visto ser praticado." (sic) (os destaques são nossos)

Como adendo, citamos as últimas pesquisas arqueológicas e inserida na Revista Planeta N.º 162/março de 86, pela parapsicóloga Elsie Duburgas, diz ela: "O Pai-Nosso, que muitos pensam ter surgido com o cristianismo, é antiquíssimo: data de 4.000 a.C A estela onde a oração está gravada foi descoberta em 1882. É uma prece aparentemente originária da Caldéia.

Notas: 1): (Estela é uma coluna destinada a ter uma inscrição; marco).

2): Pesquisa e comentários de: João Mattos.

Revista Internacional de Espiritismo - Outubro de 1997